

Sistematização da avaliação da aprendizagem em comunidades organizadas no ciberespaço

WAGNER BANDEIRA ANDRIOLA
Universidade Federal do Ceará (UFC)

ROBSON LOUREIRO
Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

As mudanças que emergem na sociedade da conexão podem possibilitar a definição de indicadores objetivos, visando a modificação das relações ocorridas nos ambientes educacionais. As transformações econômicas e sociais, de caráter globalizante, estão profundamente arraigadas no advento tecnológico (Andriola, 2003; Lemos, 2002) e impulsionam uma nova forma de *fazer social*. Muitas vezes, no entanto, queremos transpor para o virtual a tipologia das relações que encontramos em encontros presenciais.

A construção de uma educação que dê lugar ao desenvolvimento integral do ser humano (Nicolescu, in: Sobral, 2003), que permita trabalhar o desenvolvimento de outros aspectos que não somente a cognição, além da geração de uma perspectiva complexa e integradora que não admite educação fragmentada, porque essa forma de educação impossibilita a construção da cidadania colaborativa e cooperativa, está atrelada ao reconhecimento da relevância das novas tecnologias em educação.

Essas transformações aceleradas da sociedade, influenciadas pelo ritmo de crescimento tecnológico, modificam a percepção do ser humano, da sociedade e da auto-imagem. Isto determina a necessidade de se buscar novas explicações para os fenômenos de relações no espaço virtual, e, neste trabalho, no que se refere à aprendizagem. Um exemplo dessas modificações se refere “àqueles ligados à comunicação interpessoal a distância, como a conhecemos hoje em dia no ciberespaço em geral e especificamente na Internet” (Stoking, 2004).

Neste sentido, estuda-se um modelo de condução e regulação sociológica de sistemas sociais e virtuais que interagem em situações de incerteza – fora do equilíbrio – modelo este capaz de abranger a variabilidade de organizações e coletivos dinâmicos enquanto sistemas auto-organizados, o qual denominamos, por vezes e de forma temerária, “Comunidades de Aprendizagem”.

Diversos ambientes de aprendizagem, desenvolvidos para espaços virtuais, são construídos utilizando elementos que impossibilitam a implementação de relações facilitadoras da formação de comunidades de aprendizagem, ainda que sejam denominados: “comunidades de aprendizagem ou ambientes de aprendizagem”. Muitas vezes a própria idéia de comunidade e de aprendizagem são obscuras. Muitos desses espaços virtuais são chamados de “comunidades virtuais de aprendizagem” e, raramente, percebe-se um nível de interação caracterizadora de uma efetiva comunidade. Na verdade, a maior parte das interações são muito pouco consolidadas e os grupos mais parecem aglomerados de

pessoas do que comunidades. Confundimos, desse modo, simples agregações com vínculos comunitários (Lemos, 2002).

Na concepção de Frawley (2000, p. 14) percebe-se que as idéias de L. Vygotsky podem ser utilizadas para fundamentar a importância das comunidades e da construção de aprendizagens, baseado numa perspectiva coletiva, ao mesmo tempo em que se pode inferir acerca das características peculiares desse tipo de "meio ambiente". Os desenvolvimentos apontam para a utilização de softwares de interação e da própria Internet como ferramentas pedagógicas potencialmente capazes de diminuir as distâncias psicológicas entre os pares discentes e entre alunos e professores, que atuam na modalidade de ensino a distância e na formação de comunidades de aprendizagem no ciberespaço (Helde e Stilborne, 2000; Palloff e Pratt, 2000; Levy, 1996; Mainente, 2001).

Dessa forma, a implementação da nossa pesquisa parte de três premissas fundamentais caracterizadoras de uma autêntica comunidade de aprendizagem:

- 1) A idéia de "relacionamento" nessa discussão é fundamental, pois, como indica John Barlow (Barlow apud Lemos, 2002) em seu ensaio *Is there a there in cyberspace?*, em uma comunidade de verdade, todos se conhecem pelo nome.
- 2) De acordo com Jodi Dean (*Dean*, cit. in Lemos, 2002), pesquisadora de teoria política e estudos culturais, uma comunidade virtual implica uma promessa de proximidade e camaradagem, de relações mais simples e reconfortantes.
- 3) A aprendizagem em *comunidades organizadas no ciberespaço* será considerada como troca ou intercâmbio que permita a construção da cultura e do conhecimento, num processo em que a cultura seja parte essencial da constituição e da natureza humana. Assim, queremos observar as trocas e a colaboração entre os pares perante as atividades da comunidade potencial.

O ambiente virtual de aprendizagem com o qual trabalharemos abre a possibilidade de apresentações, conversações, fórum para comunicações assíncronas e síncronas, local de entrega e troca de trabalhos e espaço para comunicação através de correios eletrônicos ou "torpedos".

Numa análise inicial de um grupo de 19 integrantes de uma comunidade de aprendizagem organizada no ciberespaço e focada na ferramenta de fórum, que foi observado durante seis meses, obtivemos os seguintes aspectos:

- Todos os integrantes trocaram correios eletrônicos para se apresentarem, para procurarem pontos em comum e para estabelecerem vinculações, com o objetivo de realizar trabalho de compreensão da Educação a Distância.
- Os participantes, que faziam parte de uma disciplina de Educação a Distância, tinham acesso uma vez por semana a um laboratório com conexão à *Internet*, embora 73,68% (n=14) tivessem máquinas com conexão em casa.
- Das 144 mensagens trocadas, aproximadamente 91% deram-se entre um integrante do grupo e o professor, sendo praticamente 2% de mensagens trocadas entre pares de aprendizes.

- Terminado o semestre, percebemos que tão-somente 1,39% dos integrantes mantiveram-se trocando mensagens entre si. Tivemos duas interações em *chat* com a presença de 42,1% dos integrantes do grupo de trabalho. Destes, praticamente 83% afirmaram que a troca através da ferramenta de *chat* foi bastante confusa.
- 15,78% dos participantes apresentaram as respostas com trocas entre mensagens no fórum no lugar adequado.
- Nos momentos de comunicação síncrona (*chat*) foi onde se observava a maior interação do tipo [1] que se refere à idéia de relacionamento com a condição de as pessoas se conhecerem pelo nome ou *nickname* e [2] onde as pessoas denotam "camaradagem" entre si.
- Nos espaços de comunicação assíncrona se observava a interação do tipo [3] que se refere a trocas de conhecimentos entre os participantes.
- Quando questionados em diálogo semi-estruturado presencial, 21% expressaram o desejo de participar de comunidades de aprendizagem ou de efetivarem práticas que não estivessem diretamente vinculadas às disciplinas em curso.

Importância de sistematizar a avaliação no ciberespaço

Tornou-se evidente a necessidade de submeter os alunos que estão se preparando para interagir no ambiente virtual de aprendizagem a um curso ou disciplina objetivamente voltada para a interação e comportamento nesse meio.

Há uma tendência de que os alunos deixem de utilizar temporariamente este tipo de contato e, dessa forma, acabem sofrendo um retrocesso de comunicação, em virtude da inabilidade de uso das ferramentas. Aqui não tratamos de inabilidade técnica, mas sim de falta de habilidade no uso da ferramenta no seu sentido pedagógico.

Estudar comunidades virtuais de aprendizagem implica desenvolver *softwares* educativos e de ambientes de aprendizagem, da testagem desse tipo de produto para potencializar a aprendizagem, da adequação dos processos e das implicações na qualidade educacional desses produtos. Poucos espaços virtuais de aprendizagem servem para a construção de uma comunidade de aprendizagem, ainda que tenham muitas formas de interação e controle disponíveis.

A análise dos dados permite concluir que existe a necessidade premente de intervenções do grupo de tutoria ou dos professores na comunidade que está sendo formada. Com o tempo, a frequência dessas intervenções pode ser diminuída. Acredita-se que seria muito interessante incluir a disciplina de ambientação, a exemplo dos trabalhos de dinâmica de grupo, que muitas vezes se organizam em cursos corporativos.

As trocas de mensagens demonstraram que ainda existe e perdura o modelo da aprendizagem não colaborativa nem cooperativa, ainda que, quando solicitados, os alunos realmente procurem auxiliar seus colegas. Entretanto, essa não é uma ação comum no que se refere ao grupo como um todo. As mensagens em geral são bastante individuais ou voltadas para o professor.

Também se percebe que, num primeiro momento, a interação está profundamente dependente do contrato social, e que a continuidade de uma integração comunitária colaborativa está profundamente vinculada ao fato de o grupo encontrar elementos de interesse comum para aprendizagem e desenvolvimento de autonomia.

Observou-se que no espaço síncrono (bate-papo), onde se registraram as maiores interações e aproximações, estabelecia-se a camaradagem e a troca. Nele encontramos a maior dificuldade na construção de conceitos ou na manutenção de um foco ligado ao objetivo de trabalho.

Outro dado surpreendente foi o interesse dos alunos de participarem de comunidades de aprendizagem, ainda que nem sempre apresentem a autonomia e a maturidade necessárias para construir e gerir um espaço desse tipo.

Essas conclusões levam-nos a refletir sobre a educação versus a sociedade que está se construindo à nossa volta. Pode-se perceber que estamos atravessando um momento transitório em que, tanto os docentes como os discentes querem algo diferente, no que se refere ao fazer educativo, mas não sabem como construir nem administrar este espaço.

Assim, a necessidade de se gerar mecanismos para a avaliação constante dos processos que envolve a educação no ciberespaço é muito importante por se tratar de uma nova forma do fazer educativo onde o contato com professor sempre é mediado por algum tipo de tecnologia. Sem um processo avaliativo que contemple as dimensões processuais, formativas, diagnósticas e somativas, a chance de enveredar por um caminho nebuloso é tão grande ou maior do que a inclusão do computador na educação, o que levou aproximadamente 10 ou 15 anos para ser entendido como temática multidisciplinar e que, por isso mesmo, deveria envolver profissionais de áreas diversas como a psicologia, a informática, a pedagogia, o designer e outros.

Aqui se percebe um necessário rompimento com a perspectiva de avaliação punitiva (Perrenoud, 1999), embora se mantenham as perspectivas somativas, formativas, processuais, seletivas e tantas outras, como forma para se compreender a avaliação no decorrer do tempo. Uma perspectiva punitiva para a avaliação tenderá a estimular uma posição estática dos avaliados, rompendo completamente com a necessária inércia de movimento da configuração social atual. Estaríamos nos aproximando mais de uma compreensão da avaliação como um ato de amor (Luckesi, 1999).

No que se refere ao ensino superior, tem-se a necessidade, inevitável, de se procurar compreender esse contexto, na perspectiva de uma sociedade que se propõe ser conectada, integrada e inserida em comunidades virtuais. Nesse caso, a busca de um conceito revelador de uma prática avaliativa pode ser fundamentada nas perspectivas da complexidade, que estão muito próximas da problemática tecnológica, em virtude da necessária convergência de inúmeras áreas para a sua aplicação. A vinculação com as idéias da complexidade deve ser estruturada de forma fundamentada e assentada no real e no possível, pois precisa captar as relações, as inter-relações e as implicações recíprocas entre os fenômenos, a multidimensionalidade da sociedade e do indivíduo, as realidades solidárias e conflitantes, as diversas dinâmicas, indicando, ainda, possibilidades de caminhos dentro da rede de conexões.

Refletir acerca dos conceitos e procedimentos de avaliação, a partir de uma perspectiva que não seja a comumente utilizada, praticar essa nova perspectiva tendo como um dos estímulos a compreensão

da avaliação como propulsor das mudanças faz-nos entender a necessidade de gerir a avaliação com dinamicidade e sem preconceitos. Somente dessa forma é que poderemos levar a termo a perspectiva da avaliação como um caminho para garantir uma maior qualidade acadêmica nas atividades de ensino. A sociedade está, a cada momento, mais atenta e participativa, acentuando as exigências ao sistema educacional através das atividades de avaliação educacional (Andriola, 2003).

Como podemos perceber, existe um antagonismo latente entre as perspectivas dessa sociedade que está emergindo e as idéias que sustentam a avaliação, numa perspectiva clássica. De um lado uma ação coletiva, voltada às necessidades de integração da sociedade e que prima pela qualidade das conexões estabelecidas, do outro um "jogo" social em que os vencedores são resultantes de um processo, visando a estabelecer diferenças e hierarquias individuais (avaliação na sua forma mais tradicional).

Bibliografia

- ANDRIOLA, W. B.: Opinião dos alunos de pedagogia sobre a qualidade educacional da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. In: ANDRIOLA, W. B. e McDONALD, B. (org.): *Avaliação. Fiat Lux em educação*. Fortaleza: Editora UFC, 2003, pp. 15–29.
- FRAWLEY, W.: *Vygotsky e a ciência cognitiva: linguagem e integração das mentes social e computacional*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- HEIDE, A., e STLBORNE, L.: *Guia do professor para Internet*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- LEMOS, A.: *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LEVY, P.: *As Tecnologias da inteligência*. Tradução de Carlos Irineu da Costa, São Paulo: Editora 34, 1996.
- LUCKESI, C.: *Avaliação da aprendizagem escolar*. São Paulo: Cortez, 1999.
- MAINENTE, C. A.: *Aprendizagem virtual e interativa de lógica de programação via Web utilizando animação de algoritmos com linguagem Java*. Artigo para Congresso do SBC, 2001.
- PALLOFF, R., e PRATT, K.: *Building Learning Communities in Cyberspace*. USA: Jossey Bass Inc, 2000.
- PERRENOUD, P.: *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens—entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- SOBRAL, A. E. B.: A avaliação educacional e os sete saberes necessários para a educação do futuro. In: MCDONALD, Brendan Coleman (org.): *Esboços em avaliação educacional*. Fortaleza: Editora UFC, 2003, pp. 13-23.
- STOKINGER, G.: A interação entre ciberistemas e sistemas sociais. *Retirado de* <www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/txt_gof1.htm>. Acessado em 07/12/2004.